

Antonio Gramsci, Paulo Freire e o *rap*: círculos de cultura para pensar a vida social brasileira

Maria Fernanda Souza Gonzaga^{1, 2}, Ariane Silva Oliveira¹, Edson Fábio Araújo Sousa Júnior¹, Ana Carolina Rodrigues Viana¹, Rodrigo Almeida¹ e Bráulio Roberto de Castro Loureiro¹

Resumo: Este relato diz respeito às experiências teórico-práticas que constituíram o projeto de extensão “*Rapensando*”: *círculos de cultura para pensar a vida social brasileira*, entre os anos de 2018 e 2019. Vinculada à PROEXAE/UEMA, a iniciativa foi realizada por discentes do curso de Ciências Sociais da UEMA, trazendo como objetivo geral a construção, a partir da audição de canções e da discussão de letras do gênero musical *rap*, de espaços de reflexão coletiva sobre a vida brasileira em seus aspectos históricos, políticos, sociais e culturais. Nesse sentido, dirigiu-se tanto a discentes da UEMA quanto a estudantes do Centro de Ensino Paulo VI e do Centro de Ensino Cidade Operária II, escolas públicas localizadas na região da universidade. Quanto à metodologia, o trabalho de discussão das canções se inspirou nos chamados “círculos de cultura”, modalidade de socialização do conhecimento presente nas propostas do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) e do filósofo italiano Antonio Gramsci (1891-1937). Como resultado, mobilizando aproximadamente 180 jovens, observou-se que o projeto contribuiu com a articulação universidade-comunidade mediante a organização de atividades que, a partir de uma expressão artístico-cultural que historicamente tem obtido êxito na conexão com a juventude de regiões periféricas, suscitaram reflexões sobre a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Política; Educação; Círculos de cultura; Rap.

Antonio Gramsci, Paulo Freire and *rap*: culture circles to think about Brazilian social life

Abstract: This report concerns the theoretical-practical experiences that constituted the extension project “*Rapensando*”: *culture circles to think about Brazilian social life*, between 2018 and 2019. Linked to PROEXAE/UEMA, students from the UEMA Social Sciences course carried out the project. The general objective was the construction, of spaces for collective reflection on the Brazilian life in its historical, political, social and cultural aspects, based on listening to songs and discussing lyrics from the rap musical genre. In this sense, it was addressed not only to students of the UEMA, but also to the Paulo VI Teaching Center and to the Cidade Operária II Teaching Center, which are public schools located near the university. As for the methodology, “cultural circles”, a socialization of knowledge approach present in the proposals of the Brazilian educator Paulo Freire (1921-1997) and the Italian philosopher Antonio Gramsci (1891-1937) inspired the work of discussing songs. As a result, after mobilizing approximately 180 young people, it was observed that the project contributed to the University-community connection by organizing artistic-cultural expression activities that have historically been successful in linking the University with the youth of peripheral regions, raising reflections on the Brazilian society.

Keywords: Politics; Education; Culture circles; Rap music.

Recebido em: 02/08/2020

Aceito em: 25/01/2021

¹ Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

² Autora referente: mfernandagonzaga@gmail.com

1- INTRODUÇÃO

Este relato diz respeito às experiências teórico-práticas que constituíram o projeto de extensão “*Rapensando*”: *círculos de cultura para pensar a vida social brasileira*, entre agosto de 2018 e março de 2020. Vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis da Universidade Estadual do Maranhão (PROEXAE/UEMA) por meio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX, 2018-2019/2019-2020), a iniciativa foi realizada por discentes do curso de Ciências Sociais da UEMA, trazendo como objetivo geral a construção, a partir da audição de canções e da discussão de letras do gênero musical *rap*, de espaços de reflexão coletiva sobre a vida brasileira em seus aspectos históricos, políticos, sociais e culturais.

O contexto de realização do projeto é a cidade de São Luís-MA, especificamente a região composta pelos bairros São Cristóvão e Cidade Operária, localidade em que se situa o *campus* Paulo VI da UEMA e os Centros de Ensino Paulo VI e Cidade Operária II, espaços em que ocorreram as ações de extensão. Nesse sentido, o projeto se dirigiu tanto a discentes da UEMA quanto a estudantes dos respectivos centros de ensino, escolas públicas localizadas na região da universidade.

Mobilizando aproximadamente 180 jovens, o projeto buscou contribuir com o fortalecimento do vínculo bairro-universidade via organização de atividades educacionais baseadas em um gênero musical, o *rap*, inserido em um movimento artístico-cultural mais amplo, o *hip-hop*, expressões que historicamente têm obtido êxito na conexão com a juventude de regiões periféricas.

O sentido que o *rap* é capaz de construir no universo simbólico juvenil, bem como o trabalho de mediação da coordenação, dos/as bolsistas e dos/as voluntários/as, possibilitaram a realização de uma iniciativa de formação educacional com o objetivo de refletir sobre questões que auxiliem o processo de construção de um regime efetivamente democrático na vida social brasileira.

2- METODOLOGIA

Os encontros de discussão coletiva do projeto “*Rapensando*”: *círculos de cultura para pensar a vida social brasileira* foram realizados em três locais distintos: no auditório principal do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da UEMA, no espaço de vivência do Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais (CECEN) da UEMA e no Centro de Ensino Paulo VI. Além dos debates propriamente ditos, o projeto se estruturou mediante reuniões preparatórias restritas ao grupo de bolsistas e voluntários/as, subdivididas em formativas e organizativas. Nas reuniões supracitadas, realizaram-se leitura e discussão de textos, escolha e análise prévia das canções debatidas nos círculos, além do tratamento de questões burocráticas, como reserva de espaços e equipamentos técnicos.

Para a realização dos debates com o público foram utilizados materiais como aparelhagem sonora e letras impressas para a discussão coletiva. Também foram veiculados cartazes impressos para a divulgação do projeto. A seleção e sequências das canções ouvidas e debatidas responderam aos seguintes eixos temáticos: *Desigualdade econômica*, *Questões étnico-raciais*; *Questões de gênero*; *Juventude e violências*; *Estado e democracia*; *Educação e emancipação*.

O trabalho de análise e discussão das canções selecionadas se organizou a partir dos chamados “círculos de cultura”, modalidade de socialização do conhecimento presente nas

propostas do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997) e do filósofo e política italiano Antonio Gramsci (1891- 1937).

Para Freire (2019), os círculos de cultura carregam a finalidade de estruturar dinâmicas horizontais no âmbito da prática pedagógica. Nesse quadro, a figura do coordenador de debates aparece como elemento importante no processo de mediação de saberes, edificando um espaço não hierárquico para a produção de conhecimento, no qual a livre expressão dos envolvidos é estimulada e valorizada, e no qual educador e educando se aprimoram mutuamente no âmbito de uma proposta pedagógica libertadora, autônoma e democrática. Como princípio basilar da experiência popular freireana tem-se a busca pela participação crítica e livre dos educandos.

Os círculos de cultura consistem em modalidades não-convencionais de socialização a partir de práticas pedagógicas dialéticas. (MESQUIDA, 2011). Paulo Freire defendia que os círculos explicitavam a capacidade humana de refletir sobre o meio em que se estava inserido, sobre a consciência de si e a potencialidade da emancipação humana, além do poder de transformar o mundo por meio do trabalho e do encontro dialógico.

Para Paulo Freire, os “círculos de cultura” seriam espaços onde os educandos se reuniram para construir uma nova concepção de mundo apta a ajudá-los a conquistar a liberdade. Os círculos de cultura, como em Gramsci, não teriam professores, mas “animadores culturais” a conduzir o processo de aprendizagem e de construção de um novo saber tendo em vista uma nova sociedade. Seu método: o diálogo – a maiêutica. Assim, o círculo de cultura é uma “escola” diferente na qual os problemas comuns dos educandos e dos educadores são discutidos visando uma reforma intelectual e política: humana. (MESQUIDA, 2011, p. 35).

Paulo Freire ratifica na obra *Pedagogia do oprimido* a imprescindibilidade do engajamento do subalternizado na luta pela restauração de sua humanidade. Em que a emancipação política, cultural e social é forjada com o oprimido e não para o oprimido. Com isso, os círculos de cultura constituem um recurso fundamental para que se estabeleça um processo em que os grupos sociais subalternos sejam protagonistas de sua própria libertação.

A nossa preocupação, nesse trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada *com* ele e não *para* ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 2018, p. 43).

Na leitura de Weffort (2019), para Freire todo aprendizado deve corresponder inevitavelmente à tomada de consciência dos educandos em relação à sua situação real de vida. Sendo assim, a obra não constitui somente um espaço para esmiuçar o método educacional que privilegia os círculos de cultura, mas também construir ressignificações sociológicas e políticas através do profícuo conteúdo da educação como prática da liberdade.

Falamos de discussão, e este é um ponto capital para o aprendizado, pois segundo esta pedagogia a palavra jamais pode ser vista como um “dado” (ou como uma doação do educador ao educando) mas é sempre, e essencialmente, um tema de debate para todos os participantes do círculo de cultura. As palavras não existem independentemente de sua significação real, de sua referência às situações. A palavra “favela”, por exemplo (uma das 17 palavras de um dos cursos realizados no Brasil), aparece projetada sobre a representação da situação a que se refere e interessa menos como possibilidade de uma decomposição analítica das sílabas e letras que como um

modo de expressão de uma situação real, de uma “situação desafiadora”, como diz Paulo Freire. (WEFFORT, 2019, p. 10).

Para Weffort, Freire seguiria o mesmo caminho humanista trilhado por Sócrates na Grécia Antiga. O método de ensino se aproxima da maiêutica socrática ao partir do exercício livre das consciências. Mas iria além ao não se destinar propriamente ao âmbito aristocrático, e sim ao universo popular. A maiêutica dirigida às massas, assim, não cumprirá o seu papel se limitar-se apenas ao aprendizado de técnicas e noções abstratas, já que para os homens do povo as palavras dialogam com seu cotidiano quase sempre precário e áspero.

Vale lembrar que Freire traz como influência as reflexões de Antonio Gramsci, filósofo e político italiano que teorizou e vivenciou experiências baseadas no que chamou de “círculos de cultura” ou “associações de cultura”, especialmente no contexto dos Conselhos de Fábrica em Turim, entre os anos de 1919-1920. Para Gramsci, economia, política e cultura, a rigor, não se separam, aparecendo, sim, como expressões de uma mesma realidade. Nessa ótica, toda experiência formativa encontra-se vinculada a relações de hegemonia que repercutem no movimento de reprodução ou de questionamento da sociabilidade estabelecida.

Antonio Gramsci inaugura suas reflexões pedagógicas com base nas vivências de sua formação educacional, em que se deparou com uma educação autoritária, com a falta de qualificação dos educadores e com a insuficiência de condições materiais para o desenvolvimento dos estudos, problemas que geralmente afetavam pobres e camponeses do sul da Itália. A educação, para o filósofo da Sardenha, seria um dos fundamentos da reforma intelectual e moral a fazer da filosofia da *práxis* novo senso comum.

Gramsci pensa a questão da mediação de saberes tratando os círculos de cultura como um “*locae*” de construção de uma nova cultura, esta entendida como sendo expressão de uma nova economia, de uma nova política, em síntese, de uma nova sociabilidade. Na leitura de Mesquida (2011, p. 35),

Seriam “*locae*” onde se construiria uma nova cultura e onde teria início uma “reforma intelectual e moral”, pela educação. Os professores, nos “*circole di cultura*”, não seriam “instrutores”, mas “animadores culturais”, chamados por Antonio Gramsci de “conselheiros”, “guias que ajudam os educandos utilizando como método a maiêutica” – o método de Sócrates, ou a arte de fazer com que o saber venha à luz. (GRAMSCI, 1975, p. 484). Os círculos de cultura se localizariam no interior dos Conselhos de Fábrica, uma organização autônoma com relação aos modelos “escolares” burgueses.

Para Del Roio (2018), a reflexão educacional de Gramsci encontra-se intrinsecamente ligada à crítica da divisão hierárquica do trabalho e da separação social entre dirigentes e dirigidos. Sua noção de “reforma moral e intelectual” estaria relacionada à crítica do capitalismo e à formação de uma consciência social que apontasse para outra ordem econômico-social, sendo fundamental nesse processo a socialização dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

O ponto que torna inteligível a atenção dedicada por Gramsci a um processo formativo de ampla escala (em outras palavras, a uma efetiva democratização da educação) a desdobrar-se em movimento social protagonizado pelos próprios grupos sociais subalternizados se refere à sua proposição de que todos os seres humanos são intelectuais, contida especialmente no seu Caderno 12. A base de sua argumentação consiste no reconhecimento da presença, em algum nível, de atividade intelectual criativa em todos os indivíduos. Ainda que na sociedade nem todos exerçam a função de intelectuais, o fato de que toda atividade humana conta como operação intelectual permitiria constatar que todos são

intelectuais. Buscar o critério de distinção entre intelectuais e não intelectuais nas atividades tidas ou não como intelectuais, ao invés de procurá-lo no conjunto geral das relações sociais em que essas atividades estão inseridas, é onde estaria o erro para Gramsci. Conseqüentemente, em essência, a diferenciação entre intelectuais e não intelectuais não teria sentido.

Não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o homo *faber* do homo *sapiens*. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 2004, C12, §3, p. 52-53).

Nessa direção, o pensamento educacional de Gramsci, em sua proposta de formação via “círculos de cultura”, traz como preocupação central a conexão *intelectuais-povo*, processo que não se realizaria apenas com a presença de uma intelectualidade tradicional no movimento popular, mas sim com a generalização de um intelectual de novo tipo, oriundo de grupos e classes sociais que historicamente não se manifestam como dirigentes. Como ele mesmo escreveu, no parágrafo 12 do Caderno 11, um “progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais.”

A importância do modelo não-hierárquico proposto pelos círculos de cultura possibilita uma atitude de contestação hegemônica na troca de saberes. Fato é que qualquer proposta pedagógica verticalizada apresentaria dificuldades na articulação emissor/receptor, uma vez que a horizontalidade da relação ensino-aprendizagem possibilita uma educação que aproxima educador e educando, priorizando o diálogo e viabilizando o desenvolvimento das potencialidades críticas deste último.

Usado como metodologia de intervenção, o círculo de cultura contribui para a construção coletiva da esperança, para fazer reflexões críticas a cada dia, para usar os recursos educacionais disponíveis para saber mais e melhorar as práticas docentes a partir do saber ouvir, de ter humildade no processo de aprendizagem e de valorizar o aprendizado coletivo. (APOLINÁRIO, 2015, p. 94).

Como fator de intensificação do sentido pedagógico propiciado pelo formato dos círculos de cultura, optou-se pela introdução de uma expressão artística de significativa presença no universo urbano e periférico brasileiro e mundial, o *rap*.

Cabe esclarecer que o gênero musical *rap* (abreviação de *rhythm and poetry*) consiste na união de dois elementos do movimento *hip-hop*: DJ e MC. O *rap* se apresenta como uma manifestação artística e cultural ligada à crítica social elaborada majoritariamente pela juventude negra dos centros urbanos. O gênero musical tornou-se popular em função do papel de porta-voz do movimento *hip-hop*, expressando considerável engajamento político-ideológico. (LEAL, 2007).

O *hip-hop* surge durante os anos 1970 nos guetos nova-iorquinos por meio de festas e encontros entre negros e latinos. Composto por elementos como grafite (pintura), *break* (dança), MC (canto) e DJ (discotecagem), designa o movimento cultural iniciado por Afrika Bambaataa com o lema: paz, amor, união e diversão. Ao longo de sua trajetória, o *hip hop* carregou problematização da realidade social mediante diferentes linguagens. Nas palavras de Leal (2007, p. 14),

Era a subversão do objeto, seja ele o corpo, a parede, a voz ou o toca-discos, em favor da diversão e do reconhecimento da necessidade de inclusão de minorias, principalmente a de imigrantes negros e latinos. A diversidade étnica foi usada por seus mentores para educar e apresentar uma nova ordem: a ordem do pensamento periférico, que ajudou a diminuir a violência entre as gangues da maior cidade do EUA, Nova York. Esse foi o primeiro grande feito do hip-hop e, por isso, ele se estabeleceu antes mesmo de ser inserido na indústria cultural.

O *rap*, assim como o *hip-hop*, é de origem negra e periférica. Precisamente, remete à Jamaica da década de 1960. Com a migração de jamaicanos para os EUA, houve a difusão da prática dos chamados *toasters* e da cultura das *sound systems* nos guetos de cidades como Nova Iorque.

Influenciado pelo canto falado do toast, pela linguagem própria dos guetos nova-iorquinos e pelas críticas politizadas de personalidades como o jazzista Gil Scott-Heron, o rap – ritmo e poesia (rhythm and poetry) nasce. Contudo, sua oficialização viria somente mais tarde, com a popularização do projeto de Grandmaster Flash, The Furious Five. (LEAL, 2007, p. 33).

No Brasil, a relação entre *rap*, educação e política tornou-se notável com o advento do grupo *Racionais MCs*, que se colocou historicamente como representante de negros e pobres, realizando atividades educativas informais a partir de suas canções, que trazem análise sociológica e problematização do racismo e das desigualdades sociais típicas da vida brasileira. Como afirma Garcia,

Seus *raps* são narrativas construídas a partir do ponto de vista da periferia, sem que se aceite a já histórica humilhação imposta ao negro pobre e com pouca instrução escolar. O principal valor artístico do grupo está na adequação entre a técnica de feitura da obra e o tema cantado. Da escolha das palavras à difusão, todos os elementos do trabalho provocam no ouvinte não apenas sentimentos e sensações, mas reflexão crítica sobre as origens econômicas (capitalismo e generalização da forma mercadoria) e sociais (preconceito e segregação racial) dessa violência, e sobre a sua consequência inevitável (a morte). (GARCIA, 2004, p. 167).

O *rap* se apresenta como um canal de comunicação genuíno no âmbito de grupos sociais subalternizados, relatando experiências, denunciando violações e problematizando a realidade social sob a forma musical. Demonstra, ainda, capacidade em aproximar a linguagem da periferia e o universo simbólico das classes trabalhadoras de reflexões que abordam problemas como a pobreza, o racismo, o machismo, entre outras violências e desigualdades.

Em suma, o trabalho proposto pelo projeto de extensão “*Rapensando*” estabeleceu “*locaes*” de análise a sobre a vida coletiva brasileira, assim como fomentou nos participantes dos círculos de cultura (acadêmicos da UEMA e estudantes da rede pública estadual) momentos de reflexão sobre a vida brasileira em seus aspectos históricos, políticos, sociais e culturais. Viu-se ali, portanto, a ocorrência de profícuos debates estimulados pelas temáticas presentes nas canções, permitindo-nos dialogar com as elaborações dos/as autores/as das canções, além de mobilizar conceitos teóricos presentes no universo das Ciências Sociais em função de problemas da realidade concreta. Realidade que, em muitos momentos, dialogava com as experiências de vida dos próprios participantes do projeto.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já foi exposto, o projeto “*Rapensando*”: *círculos de cultura para pensar a vida social brasileira* buscou contribuir com o fortalecimento do vínculo bairro-universidade via organização de atividades educacionais baseadas em um gênero musical que historicamente tem obtido êxito na conexão com a juventude de regiões periféricas. Com a realização de seis círculos de cultura, a iniciativa mobilizou aproximadamente 180 jovens, entre estudantes da UEMA e de escolas públicas de seu entorno. Ademais, as diversas reuniões formativas e organizativas entre coordenação, bolsistas e voluntários/as propiciaram momentos significativos do ponto de vista político-pedagógico.

No primeiro círculo, realizado no dia 17 de outubro de 2018, no auditório do CCSA/UEMA, com cerca de 40 participantes, foi feita a reprodução da música “Rua sem nome, barraco sem número”, do *rapper* brasileiro GOG. Por meio da canção foi possível adentrar em temas como pobreza, trabalho, ideologia, alienação e meritocracia, abordados de maneira contundente pelos participantes, demonstrando que as ponderações contidas na canção também estão presentes no cotidiano do público-alvo do projeto. A seguir, um trecho da letra da canção:

O salário do trabalho não era esmola / Cada pessoa, todo ser, valorizado / Intrigas deixadas de lado / Sucos de cajá, umbu e graviola / Faliram a poderosa Coca Cola / E o que é melhor, sem causar desemprego / Agricultura e pecuária não eram segredos / Geladeiras cheias, abarrotadas / Difícil era manter as portas fechadas / Engraçado, não vi chaves, nem cadeados / Bancos, senadores, presidentes, deputados / Uma única lei, termina a sua, começa a minha vez.

O segundo círculo ocorreu no dia 21 de novembro de 2018, no espaço de vivência do CECEN/UEMA, com aproximadamente 30 participantes. A questão racial foi a temática abordada através da canção “Carta à mãe África”, também do *rapper* GOG. Tendo em vista as vivências individuais dos participantes do círculo, foram produzidos relatos repletos de legitimidade quanto à dimensão do racismo presente na sociedade brasileira. Discutiram-se pontos como escravidão, racismo, encarceramento da população negra, padrões estéticos, resistência negra e política de cotas. No trecho abaixo é possível notar o teor da discussão estimulada pela música.

É preciso ter pés firmes no chão / Sentir as forças vindas dos céus, da missão / Do seio da mãe África e do coração / É hora de escrever entre a razão e a emoção / Mãe! Aqui crescemos subnutridos de amor / A distância de ti, o doloroso chicote do feitor / Nos tornou algo nunca imaginável, imprevisível / E isso nos trouxe um desconforto horrível / As trancas, as correntes, a prisão do corpo outrora / Evoluíram pra prisão da mente agora / Ser preto é moda, concorda? / Mas só no visual / Continua caso raro ascensão social / Tudo igual, só que de maneira diferente / A trapaça mudou de cara, segue impunemente / As senzalas são as antessalas das delegacias / Corredores lotados por seus filhos e filhas / Verdadeiras ilhas, grandes naufrágios / A falsa abolição fez altos estragos / Fez acreditarem em racismo ao contrário / Num cenário de estações rumo ao calvário / Heróis brancos, destruidores de quilombos / Usurpadores de sonhos seguem reinando.

O terceiro círculo de cultura foi realizado no dia 03 de maio de 2019, também no CECEN, e com aproximadamente 30 participantes. Esse encontro foi alicerçado na música “Só Deus pode me julgar”, do *rapper* MV Bill. Os principais debates foram situados em torno

do papel social dos cidadãos na busca por uma sociedade justa, igualitária, humanista e solidária. O fragmento abaixo revela aspectos da visão de mundo do artista:

A maioria fala de amor no singular / Se eu falo de amor é de uma forma impopular / Quem não tem amor pelo povo brasileiro / Não me representa aqui nem no estrangeiro / Uma das piores distribuições de renda / Antes de morrer, talvez você entenda / Confesso para ti que é difícil de entender / No país do carnaval o povo nem tem o que comer / Ser artista, *pop star*, pra mim é pouco / Não sou nada disso, sou apenas mais um louco / Clamando por justiça, igualdade racial / Preto, pobre, é parecido mas não é igual / É natural o que fazem no senado / Quem engana o povo simplesmente renuncia ao cargo / Não é cassado, abre mão do seu mandato / Nas próximas eleições bota a cara como candidato / Povo sem memória, caso esquecido.

O quarto círculo de cultura foi desenvolvido no interior do Centro de Ensino Paulo VI, e contou com a qualificada colaboração da professora de Sociologia Ana Carolina Torrente Pereira. O quarto círculo foi permeado pela temática da questão de gênero. A atividade ocorreu no dia 23 de agosto de 2019, contando com aproximadamente 20 participantes. Como elemento introdutório foi apresentado o vídeo da ativista feminista Chimamanda Ngozi Adichie, com um discurso sobre a necessidade de uma sociedade que lute pela igualdade de gênero.

A canção “Biografia feminina”, do grupo SNJ, uma das primeiras a tratar sobre feminismo, durante os anos 2000, foi reproduzida para que se fomentasse a reflexão central do círculo. A partir disso, foi possível obter relatos expressivos em relação ao “lugar de fala” das participantes do círculo, que expuseram suas vivências em relação ao machismo estrutural presente na sociedade brasileira. Discutiu-se também sobre as reproduções de paradigmas machistas construídos ao longo da história, a persistência de comportamentos sexistas e as perspectivas para a mudança dessas condutas já cristalizadas. Nesse trecho abaixo da canção tornou-se compatível as possibilidades exploradas pelos integrantes do círculo e a mensagem transmitida pela música.

É como eu disse: direitos iguais, evolução não é diferente/ Igualdade, autonomia, dignidade / Liberto e livre, liberto e livre / Abram alas manos, nós vamos passar / Mulher não e só corpo, tem solução pra dar / Assim foi na história e vamos comprovar / Que juntas na disputa, mulheres vão à luta / É isso aí pode crer vou dar a letra agora / A oratória feminina a ideia não demora / A sociedade das antigas era matriarcal / Mulher de atitude, cuidava da família e tal / Vou citar vários nomes na história da mulher / Aqui a Europa, Ásia e América / Domínio ela quer / De um a um eu vou falar, soma na matemática / Localizar na geografia e ensinar na prática / Cleópatra foi um exemplo, liderou sem igualdade / No coração de dois homens disputa, guerra e liberdade / No desafio à igreja, não teve imposição / Inquisição, repressão, sofrimento e dor / Queimada na fogueira, não teve o seu valor / Joana d’Arc é o símbolo do opressor / Chiquinha Gonzaga lutou, lutou, e superou / Eu estou ouvindo a música, um dia ela começou / Com nossa origem africana fez mistura de som / Chorinho no palco e regência, ela teve o dom / Até cara mais novo ela namorou / Usou calça comprida e a todos enfrentou / Na África, Winnie Mandela fez sua parte / Deu força e apoio político até ver sua liberdade / E outras como ela estão me ouvindo agora.

O penúltimo círculo de cultura foi realizado no dia 26 de outubro de 2019, também no Centro de Ensino Paulo VI, reunindo cerca de 30 participantes. A canção trabalhada foi “Brasil Sem Educação”, do grupo de *rap* paulista Face da Morte. Em seu ponto central, o círculo de cultura pretendeu relacionar a letra da música, que trata sobre Educação, e o papel das Ciências Humanas na sociedade brasileira. A seguir um trecho da canção:

Aí ministro da educação / O futuro da nação vem à escola só pela refeição / Que às vezes não tem o suficiente pra repetir o prato / Que às vezes não tem um arroz com feijão pra comer no barraco / Aí bate o sinal da merenda / Aquele moleque com fome agradece ao Estado, nem tá ligado / Sonegação no imposto de renda / Aí eu pergunto quem defenderá essas crianças esperanças / Que não foi à escola por causa do frio ou da chuva / Que não tem caderno, lápis, sapato nem blusa / Dificilmente você entende o nosso lado / O lado forte, o lado pobre, ao mesmo tempo fraco.

Durante o período de preparação do círculo de cultura percebeu-se a necessidade de tratar da relevância do ensino humanístico no contexto escolar, em função de uma escalada de ações nocivas para o desenvolvimento do pensamento crítico por parte dos agentes que atualmente gerenciam a Educação no país. De acordo com Haddad (2019), o presente momento de ameaças à educação ratifica a hipótese adorniana de que existem impulsos destrutivos dentro de construções sociais que remetem à ideia de “civilização”, podendo o próprio processo educacional servir como instrumento para a manutenção e propagação da racionalidade do sistema capitalista. Desse modo, a educação por si só não seria responsável pela emancipação. Mas sim a reflexão social, política e filosófica, uma educação política, que conduziria a sociedade para um caminho oposto ao colapso e à barbárie educacional.

No decorrer das intervenções foram abordadas as seguintes questões: cortes de orçamento das universidades federais e dos institutos federais, bloqueios de recursos destinados ao financiamento de pesquisa científica, desvalorização da reflexão crítica fomentada, principalmente, pelas disciplinas Filosofia e Sociologia. Em contraponto ao panorama desfavorável, os alunos expuseram a relevância das disciplinas das Ciências Humanas para a sistematização da reflexão sobre a vida social brasileira, o seu papel na estruturação do Estado democrático e a contribuição para a efetivação de políticas públicas que propiciem justiça social.

Segundo Carlotto (2019), o crescimento do debate sobre o anti-intelectualismo e a perda de prestígio do sistema educacional brasileiro ocorre progressivamente a partir da adoção de uma ideologia obscurantista que utiliza o desconhecimento da população para propagar informações tendenciosas. Entende-se que a discussão sobre o processo educacional evitaria a desvalorização dos conhecimentos científicos, humanísticos e filosóficos, haja vista que o cerne desse embate está na incompreensão dos sistemas de ensino e pesquisa nas instituições básicas e superiores.

O sexto e último círculo de cultura foi realizado no dia 01 de novembro de 2019, no Centro de Ensino Cidade Operária II, contando com aproximadamente 30 participantes. A proposta do círculo na escola surgiu de uma demanda dos alunos do 5º período de Ciências Sociais - Licenciatura, como atividade da disciplina de Práticas Curriculares na Dimensão Escolar. Foi utilizada como mediação a canção “Rua sem nome, barraco sem número”, do *rapper* brasileiro GOG, já reproduzida em círculo anterior realizado na UEMA.

Durante o círculo de cultura foram debatidas inúmeras questões sociológicas decorrentes da reflexão sobre a música. Notou-se que o processo de reflexão da canção, de certa forma, causou o que Freire (2018) chama de “receio de liberdade”, ação que teme o “perigo” da conscientização, colocando em discussão concepções já estabelecidas. De acordo com o pedagogo, a desnaturalização de determinadas perspectivas causaria uma “sensação de desmoronamento total do mundo em que estavam esses homens”. Para reverter esses comportamentos, Freire aponta para métodos como os círculos de cultura, em que se busca uma profundidade crítica e o desenvolvimento da consciência que emerge do mundo vivido, objetivado e problematizado como projeto humano.

Embora o processo coletivo tenha ocorrido adequadamente, houve alguns percalços. Por exemplo, com relação aos trâmites burocráticos na disponibilização de espaços e equipamentos para realização dos círculos, ainda que eles tenham sido prontamente resolvidos. Outrossim, a disponibilidade dos membros da equipe, devido ao choque de horários e atividades, representou certo empecilho para a melhor execução do projeto. O aprimoramento das intervenções e provocações para suscitar as discussões dentro dos círculos também se apresentou como uma dificuldade a ser trabalhada, especialmente no início do projeto. Outro ponto a ser destacado foi a percepção da equipe acerca da imprescindibilidade do embasamento teórico para a adequada realização das ações. Ou seja, a certeza do necessário e contínuo investimento nos momentos formativos, voltados à compreensão do pensamento de Freire, de Gramsci, do *rap/hip-hop* e das temáticas sugeridas pelas próprias canções.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão “*Rapensando*”: *círculos de cultura para pensar a vida social brasileira*, mobilizando aproximadamente 180 jovens, possibilitou a existência de espaços de construção coletiva de conhecimento, permitindo aos/às participantes reflexões sobre temas importantes para uma vida efetivamente democrática. Assim como defendem Gramsci e Freire, utilizou-se da união entre prática e fundamentação teórica para estabelecer pontes entre mediadores e participantes dos círculos.

Observou-se que a problematização a partir do *rap* foi responsável por despertar sentido e chamar a atenção da juventude das escolas trabalhadas para temas importantes e frequentemente tratados no universo das ciências sociais. Notou-se, ainda, que a mediação de uma expressão artística como o *rap* favoreceu a vinculação entre universidade e comunidade por meio de uma rica e significativa conexão entre bolsistas e voluntários da UEMA, estudantes de diferentes cursos da UEMA e estudantes dos centros de ensino Paulo VI e Cidade Operária II.

Por fim, acreditamos que as partilhas de experiências e de posições dialéticas existentes nos círculos de cultura tenham sido fundamentais para que fossem avaliadas as graves contradições da sociedade brasileira, que remetem à nossa história de violências e desigualdades de toda ordem. Frente a isso, o mútuo aprendizado entre educador e educando e o caráter emancipatório que o processo educacional pode conter são elementos relevantes quando se pensa nas possibilidades de democratização da educação e da vida social brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLINÁRIO, Maria J. Círculos de cultura como metodologia de pesquisa e intervenção. In: GOMEZ, Margarita V.; FRANCO, Marília. (orgs.). **Círculo de cultura, Paulo Freire, arte, mídia e educação**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2015.

CARLOTTO, Maria Caraméz. Guerra em campo aberto: as disputas pela mudança estrutural do espaço intelectual brasileiro. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DEL ROIO, Marcos T. A educação como forma de reprodução da hegemonia e o seu avesso. In: **Gramsci e a emancipação do subalterno**. São Paulo: Editora UNESP, 2018, p. 135-150.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 66ª ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GARCIA, Walter. Ouvindo Racionais MCs. In: **Teresa: revista de Literatura Brasileira**. [4], [5]. São Paulo, 2004, p. 166-180.

GRAMSCI, Antonio. Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais – Caderno 12. In: **Cadernos do cárcere**. vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HADDAD, Fernando. Prólogo. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019.

LEAL, Sérgio J. **Acorda hip-hop**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

MESQUIDA, Peri. Paulo Freire e Antonio Gramsci: a filosofia da práxis na ação pedagógica e na educação de educadores. In: **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 43, 2011, p. 32-41.

WEFFORT, Francisco C. Educação e política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. In: FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.